



FEITAS DE PANO

ENTRELINHAS E AFETOS

FEITAS DE PANO ENTRELINHAS E AFETOS



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Leandro Antônio Grass Peixoto

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretor: Rafael Barros Gomes

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Edilberto Fonseca

Programa Sala do Artista Popular

Coordenadora: Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento

Pesquisa e texto

Sayonara Rodrigues Viana

Fotografias e filmagens

Francisco Moreira da Costa e Roberto Oliveira de Menezes (p. 12)

Projeto de montagem e produção da mostra

Flávia Klausing Gervásio

Programação visual

Avellar e Duarte - Aline Bulhões e Claudia Duarte

Edição e revisão de textos

Lucila Silva Telles

Sonorização e produção videográfica

Alexandre Coelho

Parceria:

Realização:





Feitas de pano : entrelinhas e afetos / pesquisa e texto de
Sayonara Rodrigues Viana --

Rio de Janeiro : IPHAN, CNFPC, 2023.

36 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 203).

Catálogo da exposição realizada no período de 20 de outubro
a 12 de novembro de 2023.

1. Bonecas de pano 2. Simão Dias, Sergipe, 3. Nossa Senhora
das Dores, Sergipe. 4. São Cristóvão, Sergipe I. Viana, Sayonara Rodrigues,
org.. II. Série.

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Casa dos Saberes e Fazeres, São Cristóvão (SE)

FEITAS DE PANO

ENTRELINHAS E AFETOS

Sayonara Rodrigues Viana¹

Sergipe é a menor unidade da federação, com a área geográfica de 21 mil quilômetros quadrados e mais de dois milhões de habitantes, distribuídos em 75 municípios. O início da história do estado ocorreu nos princípios do século XVI, quando, pelo litoral, passou Gaspar de Lemos em 1501. Em 1534, a área tornou-se parte da capitania da Baía de Todos os Santos.

Na segunda metade do século XVI, após a expulsão dos franceses, que tentaram ocupar o território, Garcia d'Ávila e os jesuítas iniciaram a catequização dos indígenas e a colonização da região. Surgiu a primeira cidade, São Cristóvão, que deu origem à capitania de Sergipe D'El-Rey. Começou também a criação de gado e, posteriormente, o cultivo da cana-de-açúcar.

¹ Mestranda em Educação (PPED/UNIT). Bacharela em Ciências Econômicas e licenciada em História pela Universidade Tiradentes (UNIT); bacharela em Museologia – Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pós-graduada em Educação e Patrimônio Cultural de Sergipe pela Faculdade Atlântico (FA).

A ocupação do território, no entanto, pode ser considerada de épocas mais longevas: tempos em que povos de diversas nações indígenas chegaram. Foram verdadeiramente os primeiros colonizadores da região (DANTAS, 1991).

O passado soma-se à história contemporânea, e seus traços culturais são vivenciados na época atual, observados em objetos artesanais/artísticos e em outras tradições, testemunhos do fazer sergipano. As manifestações culturais populares foram registradas pelas lentes dos sergipanos: Sílvio Romero (1851-1914); João Ribeiro (1860-1934); Felte Bezerra (1908-1990); Clodomir Silva (1892-1932); José Calasans (1915-2001); Luiz Antônio Barreto (1944-2012); Paulo de Carvalho Neto (1923-2003); Jackson da Silva Lima (1937); Beatriz Góis Dantas (1941); e Aglaé D'Ávila Fontes (1934). Também foram materializadas pela oralidade dos mestres e pelas linhas das artesãs/bonequeiras do estado, que alinham histórias e memórias bafejadas de poesia.

As bonecas de pano produzidas no estado são representações que nos remetem à infância. Muitas vezes, identificam o passado e a cultura de municípios interioranos. Ganham vida personagens que fazem parte do imaginário: rendeiras, noivas, brincantes, santos, mestres, freiras, entre outras e outros, que,



materializadas(os) em tecidos e rendas, revelam a memória afetiva das artesãs, que ressignificam elementos da cultura popular.

Historicamente, as bonecas são símbolos em várias culturas e carregam sentidos, significados e identidades dos grupos sociais a que pertencem. Nesse caso, são representações dinâmicas de experiências humanas ritualizadas no cotidiano, a partir de uma percepção temporalizada e geracionalmente transmitida como saberes práticos e compreensão de mundo. São sistemas de reconhecimento que acionam o campo dos afetos e evidenciam as histórias das bonequeiras por meio dos repertórios verificados nos respectivos contextos. Portanto, os ritmos de produção enunciam as formas de apreender a leitura do mundo antes das palavras. Com isso, percebe-se que um



dos papéis desses objetos artesanais é testemunhar a vida e valorizar o cotidiano. Observa-se, também, que, ligada a atos de brincar ou a cerimônias e a costumes, a figura simbólica torna-se ferramenta pedagógica para os estudos da Psicologia, da Antropologia e da Cultura Popular. Dessa forma, está ligada às tradições, às lendas, à religião e aos costumes. Essa figura simbólica é encontrada em todos os países e em várias épocas do desenvolvimento sociocultural da humanidade, faz parte dos saberes locais (GEERTZ, 1997).

Assim, na cultura popular, a boneca é a mais antiga forma de representar o elemento humano e sua gama de emoções que evidenciam tradições, cerimônias e ritos de passagem. Para Brougère (1993), a boneca estrutura todo o campo da imitação de personagens reais do cotidiano ao reativar



o campo cognitivo do imaginário e da representação da vida social.

Uma narrativa destaca que, no Brasil, as bonecas chegaram com a família real em 1808 e que, junto às bonecas europeias, vieram as “bruxas de pano”. Tendo por referência Câmara Cascudo, lembremos o que está escrito no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1959, p. 75):

As bonecas de pano, ‘bruxas’, brinquedos de criança pobre, indústria doméstica, precária e tradicional no Brasil, são documentos expressivos da Arte Popular, indicando as preferências por determinadas cores, feitiços de trajes, tipos antropológicos, índices da seleção indumentária da região de fabrico.

Alterou-se o processo produtivo de bonecas ao longo do tempo. E, com a industrialização, a confecção saiu do âmbito doméstico, ou seja, houve fabricação em larga escala. Com isso,

na elaboração do brinquedo (atividade na qual inicialmente se utilizava a madeira, o *biscuit*, o tecido e o chumbo), após a Segunda Guerra Mundial, substituíram-se as matérias-primas naturais pelo plástico. E as bonecas artesanais saíram de cena em relação aos processos comerciais. A produção permaneceu de forma praticamente simbólica, e as bonecas ficaram atreladas a elementos de memórias afetivas pretéritas. Em suma, com a história da evolução da produção de boneca, tem-se uma ideia de como, no século XX, o plástico ressignificou a fabricação do brinquedo e popularizou o acesso por meio da comercialização, que atingiu um público maior.



Bonecas à venda na Casa dos Saberes e Fazeres, São Cristóvão (SE)

Em Sergipe, a tradição das bonecas de pano é mantida. Podemos encontrá-las nas feiras livres, nos espaços nos quais se comercializa artesanato e nas casas das artesãs. Ao longo do tempo, o ofício de produzir boneca passou por diversos processos: um de continuidade, que foi interrompido com o falecimento da artesã Therezinha de Jesus Santana, no município de Simão Dias; e dois outros de renovação, em Nossa Senhora das Dores e em São Cristóvão – nestes dois últimos foram ativados saberes e técnicas herdados de gerações passadas, novos materiais e temáticas.





Sobre continuar o ofício de fazer boneca de pano em Simão Dias (antiga Anápolis), município tradicional na produção de bordado (ponto cruz, cheio e perfilado), localizado na região centro-sul de Sergipe, destaca-se o ofício da bonequeira Therezinha de Jesus Santana (1934), falecida este ano de 2023 aos oitenta e nove anos de idade, lavradora aposentada, oriunda do Povoado Mata do Peru.



Vista da cidade de Simão Dias (SE)

Therezinha de Jesus Santana



Dona Therezinha iniciou essa atividade aos nove anos de idade: aproveitava as sobras de tecido das roupas confeccionadas pela mãe, que era costureira, e posteriormente reutilizava tecidos de sombrinhas. Dona Therezinha relembra as bonecas de Dona Rosinha: “Ela fazia bonecas bem enfeitadas, com vestidos detalhados com pedaços de renda de bilro”.

Em 2020, com a pandemia da Covid-19, ela voltou a fazer bonecas, não para vender, mas para distribuir para as crianças, promessa feita a Nossa Senhora Santana, devido à fragilidade da saúde: ela havia enfrentado três infartos e várias vezes entubada. No dia 23 de julho de 2023, às 7:30 da manhã de um domingo ensolarado, ela não resistiu e partiu. Suas bonecas coloridas e vestidas elegantemente com cintos e adornos são testemunhos do seu ofício e da sua fé.

TECENDO O COTIDIANO: PRÁTICAS CONSAGRADAS E RENOVADAS

O primeiro processo de renovação ocorreu no médio sertão sergipano, especificamente, na antiga Vila dos Enforcados, atual Nossa Senhora das Dores, distante 73km de Aracaju. Nessa localidade, em 1997, formou-se um grupo de idosa(o)s conhecido como Renovação, que se reunia na antiga casa paroquial para desenvolver atividades: dança, teatro e, principalmente, trabalhos artesanais em rendendê, crochê, ponto de cruz e pintura. O grupo era coordenado por Dona Valdete Garcia. Com a morte de Dona Valdete, Dona Terezinha Barboza (1931-2013) assumiu a coordenação.

Em 2000, a artista plástica Hortência Barreto iniciou a pesquisa estética para o seu trabalho. O município de Nossa Senhora das Dores foi o *locus* para encontrar artesãs que ainda confeccionassem bonecas de pano. Infelizmente, não teve êxito. Procurou a então coordenadora do grupo de idosa(o)s (pois sabia de sua habilidade como artesã) e pediu que ela confeccionasse uma bo-



Vista da cidade de Nossa Senhora das Dores (SE)

neca que servisse de modelo para a pesquisa. Ao retornar, alguns dias depois, recebeu de Dona Terezinha a encomenda e avaliou:

Fiquei muito satisfeita com o resultado, ela nunca tinha feito e mesmo assim conseguiu entender o que eu queria. Buscava elementos da estética nordestina. Fui à feira e comprei tecido e material para as artesãs iniciarem o trabalho. De 100 artesãs que faziam parte do grupo, 20 se propuseram a seguir as minhas orientações. Quando retornei semanas depois, tinham produzido uma caixa de bonecas, e fiquei ainda mais impressionada, pois cada boneca tinha um estilo e uma composição diferente (Entrevista concedida à pesquisadora em mai. 2018).

A partir desse momento, as artesãs aumentaram a produção, e Hortência Barreto começou a utilizar as bonecas nas suas obras e a divulgar o trabalho das artesãs na imprensa. E as bonequeiras foram convidadas a participar de feiras e de exposições dentro e fora do estado: “Por mais de uma década, eu visitei as bonequeiras em suas residências. Armei uma verdadeira empreitada em prol da visibilidade delas, segurança e até saúde”.

As bonequeiras de Nossa Senhora das Dores tornaram-se referência no município e no estado de Sergipe. Barreto (2009) confidencia que o amor às bonecas de pano da infância inspirou-a a criar, projetar e executar o projeto de valorização



Corina Pereira de Moura

desse saber-fazer. Ela apresenta a narrativa dessa inspiração na obra *Organza*:

O trabalho das bordadeiras, rendeiras e costureiras povoou sempre a minha infância. Minha avó, tia-avó e minha mãe costuraram, bordaram e fiaram a trama, a linha do que viria a ser meu universo poético. Nessa época, eu e minha irmã ganhamos nossa primeira boneca de pano. Aqui, a memória alicia o tempo, e o passado colado ao presente veste as telas de rendas, linhas, chitões, retalhos, poemas, sianinhas. São lembranças de uma infância onde se bordava sobre o bastidor sonhos, brincadeiras, romances, enxovais (BARRETO, 2009, s/p.).

Dentro desse universo artístico, Dona Corina Pereira Moura, nascida em 5 de setembro de 1944, no povoado Mesinhas,



município de Graccho Cardoso, veio morar em Nossa Senhora das Dores em 1980. Ela desenvolveu sua própria técnica de fazer bonecas sem molde. Lembra-se de que, na infância, brincava com bonecas de pano e rememora os detalhes que incorporou às suas criações. E afirma que suas bonecas têm a 'feição' de pessoas com idade mais avançada e explica o modo de fazê-las:

Fazer o corpo inteiro e encher não fica muito bom, quando a cabeça é pregada no pescoço, ele fica muito grosso, o pescoço separado fica mais bem feito e é mais fácil de fazer para encher e fazer as roupas. [...] Primeiro faço o corpo, os braços e a cabeça, tudo separadinho. Não tenho um molde, faço de cabeça. Às vezes uma boneca fica com a perna menor que a outra. Fica parecendo o corpinho de uma pessoa mesmo. Depois pego a agulha e vou costurando na mão. Quando acaba, reviro e encho até ficar bem fofinha (Entrevista concedida à pesquisadora em jan. 2023).

Sobre a estética das bonecas que produz, completa ressaltando:

[...] um filho é diferente do outro, cada um tem uma feição. Uma parece mais nova; a outra, mais velha. Mas as minhas têm feição de gente velha. [...] estou no grupo desde o início e lembro-me do apoio que a artista Hortência deu ao grupo e de uma quermesse que ela organizou ao redor da igreja, consegui vender R\$ 300,00 (trezentos reais) de bonecas.

A prática de confecção de bonecas ampliou seus repertórios de atuação e possibilitou o uso de outras matérias-primas. Assim, a artesã reaproveitou sombrinhas para fazer roupas de bonecas, atividade que mereceu sua atenção durante o período da pandemia da Covid-19 em 2020:



Deve ser pecado, mas eu amo quando vejo alguém quebrando a sombrinha, aqui na rua, acho bom porque posso reaproveitar esse material para fazer a saia da minha mais nova filha. Eu gosto de me divertir com as bonecas e na pandemia nem saí de casa para fazer boneca, nem peguei Covid.

Sobre o modo de fazer das bonequeiras, destaca-se D. Jacira Silva de Souza, já aos oitenta anos. Ela nasceu no povoado Fonte Grande, em Laranjeiras, em 19 de setembro de 1941. Só na década de sessenta estabeleceu-se no município de Nossa Senhora das Dores, onde se casou e teve quatorze filhos. Sempre trabalhou em casa. Nas



Maria de Lourdes dos Santos

memórias, nas entrelinhas do fazer-viver, aproxima-nos da sua relação com as danças, que inspiraram seu saber-fazer.

Dona Jacira revela: “Sempre brinquei Reisado, Dança de Coco e Quadrilha e, quando entrei no grupo dos idosos, sempre brincava e aprendia algum tipo de artesanato. Até a fazer bonecas aprendi. E a gente depois vendia em feirinhas com o grupo. Conseguia os retalhos e fazia muitas bonecas” (Entrevista concedida à pesquisadora em jun. 2023). E complementou: “Fazer boneco homem é mais difícil do que fazer mulher, a roupa dá mais trabalho, e o cabelo é bem mais difícil de pregar”. Sua prática e a troca de experiências com outras artesãs no grupo dos idosos contribui com a preservação do ofício.

A história de Dona Maria Fernanda Rodrigues da Silva (1954-2023) no grupo das bonequeiras de Nossa Senhora das Dores marca sua contribuição no processo produtivo de confecção de bonecas. A artesã nasceu em 9 de fevereiro de 1954, em Japaratuba. Aos nove anos de idade, ficou internada em um orfanato, onde aprendeu a fazer crochê e bordado, mostrando habilidade com o artesanato. Anos mais tarde, foi residir em São Paulo. E por quase quarenta anos os dotes de artesã ficaram adormecidos. Em 2010, ao aposentar-se como

servidora pública, passou a morar em Nossa Senhora das Dores, incentivando as artesãs locais.

Para Dona Maria, não existe um molde específico:

A minha cabeça é quem faz o molde na hora. A mão é a última coisa que faço. Eu vou contando os dedos e marcando com um lápis e depois costuro primeiro os dedos, depois o pulso [...] isso facilita a minha produção e faz com que minha técnica seja única, o que quero dizer que cada uma possui uma forma de criar a partir de sua imaginação.

Jacira Silva de Souza





Em entrevista, em 2017, explicou por que escolheu a cidade de Doris para fixar residência:

Olhei o mapa e vendo que a cidade ficava no centro de Sergipe, escolhi para viver. Aluguei uma casa e gostei do clima, das pessoas e fui muito bem recebida por todos [...] foi lá que participei do grupo das idosas que ajudou nessas atividades que realizamos todos os dias, dançávamos, fazíamos artes e curtíamos a vida.

Nesse processo, ocorreram também desistências e recomeços, a exemplo da artesã Maria de Lurdes dos Santos, que participou do grupo desde o início e, por falta de recursos e de in-

centivo, parou a produção. No final de 2017, com a ajuda de Dona Fernanda, retornou a essa atividade. Para ela, fazer bonecas:

É uma terapia, um divertimento da gente e dos outros; e o que é ruim sai tudo da mente [...]. Sou feliz com minha nova família que pude fazer ao longo dos encontros, e as bonecas são momentos de distração (Entrevista concedida à pesquisadora em jan. 2020).

Ademais, em 23 de março de 2018, as bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores foram reconhecidas como Patrimônio Cultural Imaterial pela Lei Municipal nº 326/2018. Com isso, a importância de preservar esse ofício para as futuras gerações como patrimônio imaterial do município partiu da ideia de valorizar essa tradição, que se destaca como bem patrimonial local e que se evidencia na cena, ou seja, a produção dessa materialidade acaba sendo uma:

Forma de aquilatar o empenho de suas pioneiras, de agregar valor a um produto dorense, de incentivar as novas gerações a aprender este ofício e mantê-lo vivo, de fomentar a criação de políticas públicas de registro e divulgação deste bem e de incentivo à sua confecção e comercialização (CARVALHO, 2021, p. 96).

Por fim, as bonequeiras destacaram em suas falas a ausência de um comitê gestor para desenvolver táticas protetivas da cultura

imaterial promovendo oficinas, captação de recursos, difusão das práticas. Ou seja, é imprescindível criar uma estrutura técnica que possibilite a preservação e a pesquisa em relação aos ofícios artesanais. Para o pesquisador Lucena Júnior (2023), é necessário propor estratégias de salvaguardar a cultura popular a partir do registro e da documentação dessas expressões culturais e do fortalecimento das comunidades que mantêm essas tradições. Além disso, é fundamental promover o diálogo e a colaboração entre as comunidades com intuito de compartilhar conhecimentos e



Vista da cidade de São Cristóvão (SE)

experiências no sentido de fortalecer a cultura popular.

SABERES CONECTADOS: A LÚDICA NA CULTURA POPULAR

O segundo processo de renovação do ofício de bonequeira ocorreu em São Cristóvão, cidade histórica, que abriga a Praça São Francisco: "patrimônio da humanidade", reconhecido pela Unesco em 2010. As bonequeiras dessa cidade se inspiram nos saberes locais, no folclore e na religião. Buscam atender às demandas do cenário contemporâneo, ou seja, atualizam as produções criando novos repertórios culturais que são dinamizados constantemente. Desta forma, inspirações e intenções sinalizam nova geração de nomes e de possibilidades de continuar o ofício, refletindo o cruzamento do trabalho e do lazer, testemunhos materiais do tempo e aparentemente lúdicos, que escondem significados.

Iniciada em 2011, a oficina de bonecas de pano "temáticas" (termo utilizado pelas artesãs locais para designar as bonecas caracterizadas com a indumentária das danças e dos folguedos do município) teve como facilitadora a artesã Tânia Aguiar e o apoio da professora Maria da Glória Santos, sob a coordenação da escritora e folclorista Aglaé D'Ávila Fontes. Sobre esse



produziram e comercializaram suas criações. Em entrevista (2017), a folclorista defendeu o espaço, evidenciando sua importância para as artesãs e para a município:

No final do curso, procuraram a Secretaria, pois não queriam parar. Foram fisgadas pelo encantamento do trabalho de criar bonecas que representam os folguedos da cultura popular da cidade, testemunhando a vida. São mulheres e jovens simples,

período, a artesã Carmen Verônica Silva dos Santos relembra: “O projeto realizou os meus sonhos; e, com a professora Aglaé, aprendi que tudo passa e que a Arte fica”.

No primeiro momento, o público-alvo da oficina eram as brincantes dos folguedos da cidade. Mas, com a não participação das brincantes, as artesãs sancristóvenses formaram o grupo. Posteriormente, houve a necessidade de continuar o projeto, e Aglaé Fontes idealizou e instalou a Casa dos Saberes e Fazeres na antiga sede da Secretaria Municipal da Cultura e do Turismo. Com o projeto, criou-se o espaço onde as artesãs

buscando também um caminho econômico. Uma vez que São Cristóvão, com seu viés turístico, pode levar o grupo a desempenhar o papel socioeconômico, revitalizando a relação com a cidade, veio a calhar a criação da Sala dos Saberes e Fazeres. Mudaram-se para lá, construíram seu território. O fazer das bonecas de pano produziu um efeito especial na autoestima do grupo.

SABER FAZER – SABER ORIUNDO DO LOCAL

Inicia-se o processo de trabalho com a confecção do corpo, que é feito de tecido branco, bege ou preto, de acordo com a cor

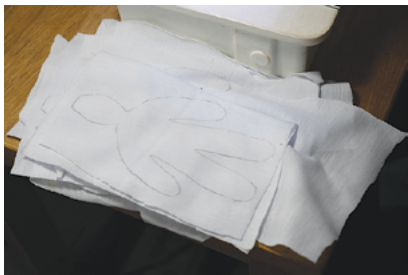
definida pela artesã. Portanto as cores das bonecas carregam as intencionalidades das artesãs. E as representações acionam os repertórios culturais indígenas, africanos e europeus que compõem as heranças sancristovenses, fazendo parte dos saberes oriundos do local.

As bonequeiras de São Cristóvão iniciaram seguindo o modelo do corpo das bonecas pequenas, que foi ensinado durante as oficinas do projeto. Depois, desenvolveram outros processos de trabalho. Os moldes das bonecas maiores (médias e grandes) foram elaboração das próprias artesãs, que ampliaram o arquétipo inicial, sem diferença entre o corpo da boneca e o do boneco: “O corpo é o mesmo, afina-se o rosto do homem; da menina, não”.

Depois de confeccionado, o corpo é cheio com *acrylon*, algodão ou tecido conforme a disponibilidade de material no momento. De acordo com a bonequeira sancristovense Maria Lourdes de Jesus Silva:

Primeiro faço o corpo costurando à máquina a partir de um molde com tecido branco, preto ou marrom com um lápis bem devagar. Faço o ombro e o restante do corpo vou enchendo com *acrylon*, utilizando um palito de madeira, começo pelos braços e depois encho as pernas e por último, a cabeça. Na hora de bordar o olho, é que ficam diferentes, sempre fica uma vesga, outra não...





primeiro bordo a boca, fecho e bordo os olhos, mas não gosto de fazer nariz, depois bordo os olhos e a sobrancelha.

A artesã Maria Lourdes afirmou que o ganho com a produção de bonecas acaba sendo um complemento da renda dela e que produzir bonecas é uma terapia. Por isso sintetizou com as seguintes palavras: “Esqueço tudo, melhora até a artrite e a artrose!”.

A partir da instalação da Casa dos Saberes e Fazeres, foi disponibilizado pela prefeitura um local para as artesãs venderem a produção do grupo. O cenário do artesanato das bonecas de pano foi protagonizado pelos brincantes dos oito folguedos e danças que fazem parte das manifestações populares sancristovenses: a *Caceteira*, o *Reisado*, a *Langa*, o *Samba de Coco*, a *Taieira*, os *Bacamarteiros*, o *São Gonçalo* e a *Chegança*. Algumas dessas danças ficaram na memória das artesãs e foram ressignificadas por descendentes que deram vida a essas manifestações. Isso é representatividade na produção do circuito artístico e especificidade em um cenário marcado por ancestralidade.

A artesã Maria Anair dos Santos Reis (conhecida como Tatá) tem parentesco com Dona Biu, mestra do Grupo da *Caceteira*, e com Mestre Rindu (ambos falecidos), que eram



Maria Lourdes De Jesus Silva

primos de seu pai. Ela acompanhava de perto as apresentações do grupo desde a infância, e suas narrativas auxiliam a pensar na contribuição dos três principais grupos – *Caceteira*, *Reisado* e *Taieira* – vinculados à produção das bonequeiras.





Maria Anair dos Santos (Tatá) e Maria Lourdes de Jesus Silva

Formado por homens e mulheres, o grupo Caceteira, ao ritmo do coco, canta e dança, um brincante tira versos e é respondido por todos os participantes. Arte inspiradora, pautada na louvação feita a São João. No passado, ia-se à Mata dos Pintos, retirava-se uma árvore com a finalidade de preparar um mastro votivo ao santo junino. A caminhada era um verdadeiro ritual de alegria, unindo cantos e danças ao ritmo dos tambores e à batida de galhos pequenos no chão (ALENCAR, 2003).

Na atualidade, no dia 31 de maio, percorrem-se ruas do centro histórico, e os sinos das igrejas dobram para os brincantes cantarem e dançarem, mantendo as tradições da antiga capital de Sergipe, até chegarem à Igreja do Carmo e ali entoarem: “O sino do Carmo abalou, abalou, deixa abalar”.

Depois de atuar também nos grupos de samba de coco e de reisado sancristovenses, Dona Acácia dos Santos atualmente coordena o grupo *Caceteira do Mestre Rindu*. José



Carmem Verônica Silva dos Santos, Maria Lourdes de Jesus Silva e Maria Anair dos Santos (Tatá)

Gonçalo dos Santos, o Mestre Rindu, seguiu os passos da tia Dona Biu. Nesse período, atuaram também nos grupos folclóricos os seguintes ícones locais: Zé Benedito; José Lourenço dos Santos, conhecido como Zeca de Norberto (1901-1970); Maneco; Mané Messias; e João de Cota. Eles moravam em povoados mais afastados do centro histórico da cidade. As bonequeiras brincam sobre os temas.

Outra manifestação da cultura popular presente no ofício das artesãs é o reisado. Nesse sentido, o boi, destaque do Reisado de São Cristóvão, é produzido pela artesã Carmen Verônica e exibe mantos coloridos e fitas que causam efeito visual. Nas narrativas das artesãs, o que chama a atenção são as cenas do folguedo de caráter dramático na entrada, na morte e na ressurreição. Portanto, a aproximação do fazer atrelado à realidade potencializa os detalhes da produção, conforme as ideias da pesquisadora e folclorista Aglaé Fontes, que vivenciou a encenação do Reisado pelo Mestre Satu (1940-2021):

Satu (o *Mateus*) fazia uma encenação com a morte do boi antes da quaresma, e a ressurreição ocorria no domingo. Após a morte do boi, as brincantes tiravam as coroas e colocavam em cima do boi, o Mateus cobre com uma toalha e inicia a cerimônia meia-noite

do sábado para o domingo com a ressurreição do boi. Havia uma dramaturgia na apresentação (Entrevista concedida à pesquisadora em abr. 2023).

As bonequeiras destacam a representação da *Taieira*: dança religiosa que integra a festa de Nossa Senhora do Rosário, celebrada na cidade, pomposamente, no dia 6 de janeiro. Na antiga capital de Sergipe, a devoção a Nossa Senhora do Rosário floresceu desde cedo, quando os homens pretos das redondezas se associavam para prestar culto à Virgem.

As bonequeiras narram a história das brincantes que eram comandadas pela escravizada Romana e suas amigas Maria Cabeça, Antônia, Delfina, Maria Angola, Gertrudes, Rufina, Raimunda, que desfilavam a beleza negra saindo do beco São Thomé até a frente da Igreja do Rosário, onde cantavam louvores nos dias dos Santos Reis. Elementos que inspiram as vestimentas das bonecas (costuradas e mostrando saias enfeitadas).

Dona Maria Lourdes de Jesus Silva, bonequeira da cidade, relembra que “havia uma rendeira que preparava, com os bilros, bicos e rendas para os trajes da Taieira” (SANTOS, 2023). E a personagem “Rendeira” do repertório foi dedicada a ela.



Mestre Jorge dos Santos



Boneco de Mestre Jorge

Sobre a história das lideranças da *Taieira* na cidade, Mestre Jorge dos Santos, atual organizador do grupo e sobrinho neto de D. Adrelina, declara: “Depois de Sinhá Fulourinda, quem chefiou o grupo foi Dona Mariquinha, irmã de Dona Adrelina”. A *Taieira Boa Vida*, em 1999, retomou as apresentações, após o Mestre Jorge retornar do Rio de Janeiro, onde havia permanecido por trinta anos. Jorge dos Santos nasceu em São Cristóvão, no dia 27 de fevereiro de 1935. Aprendeu folclore na vivência com a família, pai, tio, tia-avô e avô, que eram brincantes do *Reisado*, da *Taieira*, da *Chegança* e do *Batalhão de São João*.

As bonecas são confeccionadas a partir dessas referências históricas, por isso, a escolha de tecidos com a tonalidade preta. Nesse sentido, com a indumentária da *Chegança*, as artesãs preservam a tradição, trazem à cena um dos folguedos da Festa de Reis, que ocorre na cidade desde o século XIX, e acionam a memória de brincar em diferentes contextos culturais. Com isso, a *Chegança* é materializada em forma de bonecos trajados

com roupas da marinha, para reviver antigas tradições ibéricas celebradas em romances de inspiração marítima, como a Nau Catarineta, e as Mouriscas, que figuravam combates entre cristãos (barco da cristandade) e mouros (*barco dos inféis*).

De forma geral, sobre a técnica, percebe-se que os tecidos

(materiais da vestimenta dos bonecos) são de algodão (popeline ou chita), cetim e *oxford*, comumente empregado na confecção da roupa dos bonecos que representam os noivos. Esses tecidos de algodão podem ser lisos, coloridos, estampados, xadrez, de bolinhas, listrados, floridos, adornados com lantejoulas, miçangas e fitas. As artesãs vestem os bonecos com trajes dos personagens que eles estão representando, grandes e pequenos, formando casais, compondo famílias, produzidas com cuidado, pois são peças únicas. As bonecas ainda guardam características tradicionais, como por exemplo “olhos de retrós” e olhos bordados em linha de algodão ou de seda com ponto “corrente”.

MEMÓRIA DO BRINQUEDO: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Em agosto de 2017, o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão realizou a exposição “Feitas de Pano”. A mostra fez parte das festividades em celebração ao





mês do Folclore e apresentou as bonecas (produzidas pelas artesãs de São Cristóvão e de Nossa Senhora das Dores) vestidas com indumentárias de grupos de cultura popular, reverenciando a religiosidade do município e figuras do cotidiano nordestino.

As bonecas “temáticas” são as mais produzidas. Desde 2018, as artesãs incorporaram à produção mais manifestações culturais do estado: os *Lambe-sujos* e os *Caboclinhos* (de Laranjeiras) e os *Parafusos* (de Lagarto). E continuaram produzindo a boneca *Rendeira*, a *Tilda*, a *Frida*,² *Mestre Jorge*,³ *Irmã Dulce*⁴ e as tradicionais “bruxas de pano”, representações fecundas e simbólicas presentes no cotidiano sergipano e em outras realidades brasileiras.

2 Referência da representação à artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954).

3 Jorge dos Santos (1935), memorialista do Folclore de São Cristóvão e mestre do Grupo das Taieiras, do Samba de Coco União e do Batalhão de São João.

4 Religiosa que iniciou o noviciado na cidade de São Cristóvão, especificamente no Convento do Carmo. Faz parte da história da cidade a irmã Dulce (Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, 1914-1992). Em 1934, fez votos de fé, tornou-se freira e recebeu o nome Irmã Dulce em homenagem à sua mãe. Fez parte da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus de São Cristóvão.

Uma das marcas do município é a tradição religiosa. Essa temática tem influenciado a produção artesanal das bonequeiras sancristovenses, e elas passaram também a produzir bonecas e bonecos que representam imagens de santos: São Cristóvão, São Francisco, Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Com isso, ao vestir a boneca de pano com o sagrado ou com o profano, a artesã materializa a memória e a identidade do lugar, ampliando os sentidos materiais e as crenças que compõem o imaginário.



Maria Lourdes de Jesus Silva



A artesã de São Cristóvão Maria Anair dos Santos Reis (conhecida como Tatá), bonequeira há quase quinze anos, relembra: “Minha avó Maria Francisca fez bonecas até os noventa anos de idade. Ela ficou cega, mas continuou a fazer lindas bonecas deitada na rede da varanda.” Tatá participa das celebrações litúrgicas da Igreja Católica da cidade, a exemplo da procissão de Corpus Christi (que acontece na cidade, no dia 8 de junho) e integra o grupo da liturgia católica e o núcleo de apoio à catequese da Paróquia Nossa Senhora da Vitória. Ela explica como a religião influenciou a sua produção:

Já fui catequista, mas agora eu saí por causa do horário, só dou um apoio ao grupo da catequese da igreja e ao grupo da liturgia. Aprendi muito na igreja, hoje faço São Cristóvão, nosso padroeiro, São Francisco de Assis, Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores e Irmã Dulce, pois são santos que fazem parte da minha vida (Entrevista concedidas à pesquisadora em mar. 2023).



Procissão de Corpus Christi em São Cristóvão (SE)



Esse ofício afetivo-religioso abre um leque de possibilidades nas entrelinhas da fé e está presente no celebrar, no brincar; assim, diversifica papéis, representa situações vivenciadas, evidencia o imaginário e traz o que é real alinhavado com o inconsciente, é instrumento do que foi interiorizado, sendo materializado nas práticas artísticas.

Em outro cenário, no povoado Caípe Velho, em São Cristóvão, aparecem outras temáticas que extrapolam o universo religioso, representando o cotidiano por intermédio da criatividade e da delicadeza da produção: as criações são denominadas bonequinhos e guardam características das “bruxinhas de pano”. Assim, Dona Maria Núbia da Silva, aposentada, confecciona bonecas a partir do reaproveitamento de retalhos. Ao lembrar a infância e os ensinamentos recebidos dos mais velhos, a artesã declarou:

Aprendi com minha mãe a fazer bonecas. Ela fez para as três filhas, pois não podia comprar. Eu já fazia de barro e, depois que ela ensinou, passei a fazer de pano. Esses tecidos são retalhinhos que as



Maria Núbia Silva

meninas me dão, e aí eu vou guardando os que dão para fazer as roupinhas da boneca, eu faço, os que dão para fazer colcha, eu faço e os que não dão, eu faço tapete. As bonecas bem pequenas se transformam em chaveiros e em ímãs de geladeiras para facilitar a venda (Entrevista concedida à pesquisadora em abr. 2023).

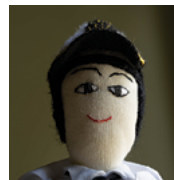
As bonequeiras criam e recriam as casas de bonecas metaforicamente, ao externar os saberes que se constroem em seus mundos imaginários por meio das brincadeiras que dão vida às personagens, tão longe e tão próximas de nossas realidades. Elas cantam, dançam e



se comunicam mediante elementos culturais que constituem a nossa identidade ao fortalecer o sentimento de pertencimento.

A qualidade estética da produção popular de Sergipe enuncia a arte feita de pano criada pelas bonequeiras, traduzindo nas entrelinhas os afetos. Porém, de certo modo, há uma invisibilidade em relação a essa produção, um silêncio talvez por conta do gerenciamento do circuito de vendas do artesanato sergipano.

Mas essa tradição resiste e continua brilhando. Com isso, as bonecas ganham o mundo como instrumentos artísticos, simbólicos e como documentos expressivos da nossa arte popular.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. *Danças e folguedos: iniciação ao folclore sergipano*. 2ª edição. Aracaju: Edição do autor, 2003.

BARRETO, Hortência. Organza. Aracaju (SE): Banese/Governo de Sergipe, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BROUGERE, Gilles. *Jeu et Education*. Le jeu dans la pédagogia prescolaire depuis le Romantisme. These pour le Doctorat d'Etat es Lettres á: Sciences Humanies. Paris: Universite Paris V, vs I e fi, 1993.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. *Tecendo fios da memória*. Aracaju: Editora Seduc, 2021. Disponível em:

<https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/57e775ea-501a-4425-b472-e0f5be3f4a50>. Acesso em 24 de abril de 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1959.

DANÇA de São Gonçalo. *Tesouro de folclore e cultura popular brasileira*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000094.htm>. Acesso em: 05 maio 2023.

DANTAS, Beatriz Góis. *A taieira de Sergipe*: uma dança folclórica. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

_____. *Devotos dançantes*. Aracaju: Criação, 2015.

_____. Os índios em Sergipe. In: Diana Maria de Faro Leal Diniz (ed.), *Textos para a história de Sergipe*. Aracaju: Editora UFS/Banese, 1991.

FONTES, Aglaé D'Ávila. *Mestre Rindu*: José Geraldo dos Santos. São Cristóvão: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal da Cultura e do Turismo, 2012.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda*: os discursos de patrimônio cultural no Brasil – Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

MEFANO, Ligia. *Design de brinquedos no Brasil*: Uma arqueologia do projeto e suas origens. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2015.

NUNES, Maria Thétis. *Sergipe Colonial I*. Aracaju/UFS, Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro, 1989.

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. (no prelo). *Festas negras*: danças, músicas e diversões no menor estado do Nor(te)deste brasileiro, 2022.

SANTIAGO, Serafim. *Anuario Christovense ou Cidade de São Christóvão*: manuscrito de Serafim Santiago. São Cristóvão: Editora, 2009.

SALVADOR, Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

Contatos para comercialização

Nossa Senhora das Dores/SE

Corina Pereira de Moura
(79) 999563450

Jacira Silva de Souza
(79) 999110856

Maria de Lourdes dos Santos
(79) 999167279

Secretaria Municipal de Cultura,
Esporte, Lazer e Juventude de Nossa
Senhora das Dores
Rua Gildo Souza Lima, S/N, Centro
Nossa Senhora Das Dores - Sergipe
(79) 999735280
cultura@nossasenhordasdores.se.gov.br

Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro - RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br

São Cristóvão/SE

Maria Anair dos Santos Reis (Tatá)
(79)998255072

Maria Lourdes de Jesus Silva
(79) 9988495125

Casa dos Saberes e Fazeres
R. Pai Tomé, 120
São Cristóvão / Sergipe
(79) 30454973
(79) 98772636





RIO DE JANEIRO, 20 DE OUTUBRO DE 2023 A 12 DE NOVEMBRO DE 2023
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR